

A decepção e a esperança

HÁ POUCOS dias, o IBGE divulgou estudo mostrando que o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro expandiu-se a uma taxa anual de apenas 2,04% nos anos 80, quando na década de 70 o crescimento médio anual fora de 8,6%. O mais grave: em termos de produto por habitante, houve queda anual de 0,16% nos anos 80 (na década de 70, tinha-se registrado expansão de 6,1% ao ano). Assim, a diferença entre o Brasil e as economias mais desenvolvidas se acentuou, já que há oito anos consecutivos os países ricos vêm crescendo a taxas anuais acima de 2%; e sem aumento populacional, praticamente.

NA MESMA ocasião em que liberou o estudo sobre os anos 80, o IBGE divulgou a previsão da safra agrícola deste ano, estimando que a produção nacional de grãos chegará a 71,9 milhões de toneladas (em 88, a colheita somou 65,9 milhões). Dados do BNDES e da Cacex também revelam que em julho e agosto houve um enorme aumento, tanto nos pedidos de financiamento para compra de máquinas e equipamentos, quanto das importações desses bens de capital.

AO QUE tudo indica, pois, o setor privado está acreditando

na recuperação da economia brasileira, ainda que os fatores negativos não tenham sido removidos do horizonte. Esta recuperação deve ter como um dos seus pontos de apoio o comércio exterior. As exportações brasileiras estão próximas de atingir a casa dos US\$ 40 bilhões, com um crescimento da ordem de 30% nos últimos três anos. Essas vendas tendem a funcionar como uma alavanca para o mercado interno e as empresas somente terão condições de atender à demanda se começarem a investir o mais breve possível (e muitas já o estão fazendo).

DESSA FORMA, mesmo com as apreensões face aos índices inflacionários, subsiste entre os empresários a esperança de não ver repetidos, no próximo Governo, os erros cometidos durante os anos 80.

ENQUANTO outros paíseserveredaram pelo caminho da privatização e da redução da presença do Estado na economia, o Brasil ficou marcando passo e insistindo nas velhas teses da intervenção estatal. Com isso, o déficit público tornou-se crônico, resultando numa dívida assustadora (de vez que ela nada mais é do que a soma dos vários déficits). As intervenções

do Estado nos preços relativos acabaram gerando desequilíbrios ainda maiores, a ponto de o País se ver hoje diante do risco de hiperinflação.

MAS OS empresários têm razão de começarem a investir, pois as condições de hoje favorecem soluções bem mais do que há cinco anos. Na dívida externa, por exemplo, o Brasil, na pior das hipóteses, poderá reivindicar o mesmo tratamento dispensado pelos credores ao México, que, objetivamente, vai conseguir reduzir a remessa líquida de recursos para o exterior. Quanto à privatização, há um programa em curso, montado de modo a ter continuidade no próximo Governo. Com relação às contas do Governo federal, já há um orçamento unificado, por força de lei. E o projeto orçamentário para 1990, a ser encaminhado ao Congresso com base na Lei de Diretrizes Orçamentárias, não poderá fugir à austeridade.

HÁ PELA frente muitos problemas de difícil superação. Provavelmente, contudo, num balanço dos anos 90, o IBGE não terá mais a desagradável tarefa de divulgar números tão decepcionantes como os relativos aos anos 80.